



O LITORAL NORTE NAS CANÇÕES DO FESTIVAL TAFONA DA CANÇÃO NATIVA (1998), OSÓRIO/RS

Mateus Fernandes de Souza¹;

Lucas Manassi Panitz²

Resumo: Este artigo trata de uma análise das músicas do festival Tafona da Canção Nativa, da cidade de Osório, buscando compreender as representações geográficas da região Litoral Norte do rio grande do sul, tendo influências açorianas, africanas e gauchescas. Analisamos os poemas da 10ª edição, por se tratar da edição que mais representa o tema. Buscando evidenciar sua capacidade de construção de noções cotidianas sobre a sociedade e, em nosso caso, sobre o espaço geográfico, optamos pela Teoria das Representações Sociais de Moscovici e Jovchelovitch. Concluimos que a música produzida localmente valoriza o litoral norte como espaço de vida cotidiano e como região de singularidades, Os compositores escolhidos retratam as paisagens do litoral, enquadrando o cotidiano e a história, sua religiosidade e seu pertencimento se a diversidade das paisagens, das origens étnicas e das atividades profissionais tradicionais como a pesca. acreditamos que os festivais de música podem ser importantes pontos de partida para compreensão cultural e das representações geográficas sobre esta região.

Palavras-chave: Geografia da Música, Tafona da Canção, Litoral Norte.

1. Introdução

Trata o presente artigo de análise das canções do festival Tafona da Canção Nativa, do ano de 1998, no município de Osório, com vistas à compreensão das representações geográficas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Discutimos a importância desta análise

1 Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral. E-mail: fernandes.souza@ufrgs.br

2 Professor do Departamento Interdisciplinar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral. E-mail: lucas.panitz@ufrgs.br



como forma de compreensão das representações do Litoral Norte por meio da música, evidenciando a cultura local e sua geografia cotidiana.

A Tafona da Canção Nativa é um evento de cunho artístico, social e cultural, o evento tem uma dimensão de nível nacional recebendo composições musicais de todo o Brasil. A Tafona oferece a músicos e compositores, a oportunidade de divulgar suas composições e seus talentos. Através da Tafona da Canção Nativa, músicos, compositores, cantores e pessoas ligadas ao ambiente cultural e artístico do litoral e do Rio Grande do Sul, buscam participar de atividades voltadas ao folclore e costumes da cultura gaúcha - música, dança, expressões artísticas e o cotidiano do campo e do Litoral e as manifestações típicas de todo o RS. Sua primeira edição foi em 1989, juntamente ao 10º Rodeio Internacional de Osório, idealizado por Airton Camargo; este ano completa sua 27ª edição.

Ao longo do trabalho apresentamos uma leitura de algumas das canções da Tafona, dando ênfase às representações geográficas sobre o litoral, buscando evidenciar as peculiaridades e a forte presença da música folclórica gaúcha nesta região, desconhecida por muitos.

2. Objetivos

O trabalho tem como objetivo central compreender as representações geográficas do litoral norte sul-riograndense nas canções da Tafona, buscando a visão dos compositores sobre a região, sua história, suas imagens e suas geografias cotidianas. O trabalho aqui apresentado é um exercício metodológico de leitura destas representações para avançarmos na ampliação de um trabalho de maior fôlego sobre todo o cancionário da Tafona.

3. Metodologia

Para procedermos com este trabalho, adotamos os seguintes passos. Em primeiro lugar realizamos levantamento das vinte e sete edições do festival, escolhendo o ano de



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

1998, a 10^o edição, como um dos mais representativos, pois das dezesseis canções concorrentes nove tem a temática a ser investigada. Em seguida buscamos os versos mais emblemáticos de uma representação do espaço geográfico, selecionando os mesmos com vistas ao trabalho interpretativo. Apoiamos, por conseguinte, nosso esforço num arcabouço teórico que permitisse a compreensão geográfica destas canções. Ao final apresentamos um quadro sintético com as principais temáticas tratadas em cada canção.

Conforme Panitz (2012), o interesse da geografia pela música não é algo recente, embora tenha sido tratado como um assunto secundário na Geografia Cultural e na Geografia Humanista. Contudo, nas últimas três décadas, a ciência geográfica produziu trabalhos importantes e as análises sobre a música ganham um fôlego e uma atenção renovadas. Nesse sentido, Panitz (2017) advoga por uma "Geografia da Música", não como subdisciplina da Geografia Humana, mas como um interesse que coloca a música e sua complexidade no centro de uma análise geográfica. Ainda, estamos de acordo com Valiente (2007) quando afirma que o cancionário folclórico e popular contribui na formação de identidades sociais e territoriais; da mesma forma pensamos com Romagnan (2000) quando afirma que a música se territorializa em boa medida através das festas e dos festivais, motivo pelo qual enxergamos no Festival da Tafona não só uma territorialização do próprio festival mas como territorialização de gêneros musicais e narrativas sobre a região do litoral sul-riograndense.

Buscamos também em Pichi (2010) alguns exemplos de trabalhos interpretativos da Geografia sobre as letras das canções e o tratamento metodológico destes autores. Segundo o autor a criação de uma identidade calcada em representações simbólicas próprias aparece como alternativa à necessidade de um fortalecimento das regiões e suas localidades diante do globalismo.

Para realizar a leitura do material textual, optamos neste trabalho pela Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2001) e Jovchelovitch (2004), buscando evidenciar sua capacidade de construção de noções cotidianas sobre a sociedade e, em nosso caso, sobre o espaço geográfico. Portanto, compreendemos neste trabalho as representações geográficas como represent[ações] sociais do espaço, uma vez que o texto tem poder performativo e age sobre o imaginário social, construindo visões sobre o espaço geográfico e desenhando um discurso sobre os lugares.

Realização:



4. Resultados

Passamos a discutir os resultados de nossa pesquisa. De um total de 16 canções concorrentes na edição da Tafona do ano de 1998, 9 tinha letras com alusão ao tema de estudo, 8 tem um caráter descritivo, 6 relatam o cotidiano social e 5 relatam as duas, foram somadas 30 expressões regionais, onde a música Tafona foi a que mais apresentou essas expressões,

Nota-se que os temas tratam da paisagem em uma forma descritiva e dos costumes sociais e cotidianos, também nota-se o uso de alguns dialetos e regiões que não conhecemos, ou até que ouvimos mas não lembramos de sua existência.

Iniciamos com a canção Conceição, com letra de Hércules Grecco. Sua letra traz a paisagem litorânea, descrevendo vários fatores biogeográficos, como juncais, várzeas, dunas. também traz a Conceição do Arroio, padroeira do município e um dos antigos nomes da cidade de Tramandaí.

As vezes meu peito grita
desejos do mar e terra
despejo meu canto aflito
e o eco vem lá da serra.
Me conta de sangradouros
remansos, praias, juncais
de várzeas e dunas claras
searas e canaviais.
Carrego desde nascida
as águas no coração
nas águas fui concebida
do Arroio sou Conceição.

O autor enquadra a imagem da planície costeira colada à serra e desenha as diversas paisagens entre estas duas formações. As praias, remansos, várzeas e dunas, evocam as paisagens naturais. Enquanto que searas e canaviais evidenciam a atividade econômica baseada na produção cereal e na agroindústria dos derivados da cana, como melado e cachaça, largamente difundidos na encosta da serra. Notamos também que o autor elabora a leitura de concepção nas águas a partir da própria toponímia do arroio que deu nome à localidade, denotando um sentido de profundo pertencimento e identidade.

Farol solidão é um romance, também de Hércules Grecco. O personagem, perdido, procura a amada em várias as cidades e balneários. O "meu litoral", locais de vivência do



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

personagem, passa a ser apresentado. Embora não haja uma orientação linear, o artista começa ao norte na urbanizada cidade de Torres e termina no Quintão, balneário de Palmares, onde a urbanização mais rarefeita já denota um ar de solidão e abandono. Embora o autor se refira possivelmente ao Farol da Solidão, no município de Mostardas à 50 quilômetros de Quintão, pode também se referir ao farol da localizada de Dunas Altas, no município de Palmares.

Te procurei por aí
pelo meu litoral
Torres, Tramandai
Xangri-lá e Capão.
Fui à Rainha do Mar
ao Arroio do Sal
à Cidreira, ao Pinhal e
chorei no Quintão.

A música Tramandaí é de autoria de José Saraiva Soares, natural da cidade e filho de Leda Saraiva, professora e pesquisadora da região.

O lance do bagre no meio do rio,
cercou o cardume, a pesca surtiu
depois de escalada, secar no varal:
a manta, o bagre, a carne, o sal.
Cidade de banho de mar,
luz de gerador nos hotéis.
As dunas de areia, bondinho pro mar,
Conceição do Arroio.
Taraman, Tramandy, Taraman
Tramanda, Taraman, Tramandai.

A canção descreve um cenário antigo da praia, desde o início dos veraneios, no tempo em que não havia energia elétrica. Em seus versos o autor descreve a pesca do bagre. É importante notar que no passado o bagre foi a maior fonte de renda oriunda da pesca artesanal em Tramandaí. Conforme relato de Flávio Jr, um dos intérpretes dessa música, pesquisador, biólogo e morador de Tramandaí, a pesca do bagre era feita nos meses de outubro a dezembro e a carne era salgada e seca ao sol como charque depois vendida principalmente para o Mercado Público em Porto Alegre. Novamente vemos a representação das dunas e da Conceição do Arroio. Por fim, o compositor lembra as diversas toponímias para a cidade, evidenciando as formas indígenas dão nome à Tramandaí.

"Marisqueira" é canção de autoria de Lorena Munari, mãe de músicos da região e professora da cidade. Marisqueira é um romance de uma catadora/caçadora de mariscos,

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

fruto do mar, com um pescador. Foi a música mais popular naquela edição do festival. A catadora de mariscos e o pescador, atividades profissionais cotidianas na lida litorânea, são enquadrados na paisagem das dunas onde a trama amorosa se desenrola.

Por entre dunas calientes
Maria se fez mulher
nos braços do pescador
na hora que o corpo quer.
Quisera eu marisqueira
ser teu pescador
e por entre dunas calientes
viver histórias de amor

Adiante apresentamos "Nega maçambiqueira" que ganhou o troféu de melhor tema Osoriense, de autoria Paulinho Di Casa. A canção também trata de um romance na festa de Nossa Senhora do Rosário, onde ele faz uma prece para conquistar seu amor.

Hoje tem festejos em Osório
vou rezar prá Nossa Senhora do Rosário
Quero pedir sua ajuda na prece
e até farei uma promessa
que é prá vê se conquisto
meu amor nesta festa

A canção no gênero maçambique, que é típica da região litorânea e mais especificamente de Osório, é largamente difundida entre as comunidades afro-descendentes do litoral. Segundo Prass (2013), etnomusicóloga pesquisadora das expressões musicais afro-brasileiras do sul do país, os maçambiques e os quicumbis são variações do congado brasileiro como o candombe mineiro. A canção remete ao festejo anual em Osório ganhou notoriedade nas últimas décadas, passando a ser inclusive elemento de promoção turística da cidade.

"Onde a saudade tem nome" é de autoria de Alvandy Rodrigues, conquistou o 3º lugar, relata a história e as paisagens de Osório, fazendo alusão às lagoas, ao porto, e traz a lembrança de dois nomes importantes para o município: Firmiano Osório, intendente do município no início do séc XIX e Cônego Pedro Jacobs.

Podem ser as casas velhas,
lá no porto, em aquarela;
podem ser tantos recantos,
Peixoto, Hóracio, Pinguela
ou a Lagoa dos Barros,
entre lendas e mistérios,
Pode ser o seu Firmiano
e os devotos peregrinos,

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

levando a Santa Bandeira
na procissão do Divino.
Pode ser o Padre Pedro
nas asas do Nordeste,
trazendo a paz nesse vento
e a saudade em oração.

"Tafona" é de autoria de Ivo Ladislau, com melodia de Carlos Catuípe, e virou um hino na região, na voz de cantor gauchesco Rui Biriva. Por suas palavras em tom dialetal, apresentamos ao final das considerações finais um glossário das palavras grifadas.

Resiste a valente **tafona**
Entre o **Caconde** e o **Palmital**
Gira que gira boi tafoneiro
Giram lembranças do litoral
Ouço o ruído da **manjarra**
No telhado puro picumã
Pra ajudar a família, **oilarai** (oilarai)
Pixurú abrindo a manhã
Oilarai, oilarai, oilarai
E vai ter **farinhada**, eu vou pra lá (vou pra lá)
Raspar mandioca, **jogar capote**, eu vou pra lá (vou pra lá)
Oh santo, mude de vez a sorte
Antes que a tristeza me adote
Encontre a filha do Chico Peão
Morena linda cor de canela
“Inda” to só e o coração grita:
- Saudade dela... Saudade dela...
Gira, gira, boi tafoneiro
Dessa tafona segue prisioneiro
Prensa, masseira, forno, carueira, mutirão
É povo unido e faceiro
Depois da lida, café e festança
Gaita, **rabeca**, viola, pandeiro
Ela seria meu par nessa dança
Conto com tua força padroeiro
Oilarai meu santo, oilarai (oilarai)
“Porvilho”, broa, rosca e biju, oilarai (oilarai)
Ela acabou de chegar, oilarai (oilarai)
Vai ter noivado em pleno pixurú
Oilarai, oilarai, oilarai...

5. Considerações Finais

Buscamos neste trabalho evidenciar algumas representações geográficas sobre o litoral norte do Rio Grande do Sul. É possível notar que, em sua diversidade, a região do litoral norte se apresenta ligada à tradições afro e gauchescas, influência açoriana e africana sobre

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

o povoamento local. Os compositores escolhidos retratam as paisagens do litoral, enquadrando o cotidiano e a história, sua religiosidade e seu pertencimento.

Em nossa opinião, a música produzida localmente valoriza o litoral norte como espaço de vida cotidiano e como região de singularidades, descolado de uma imagem utilitária da mesma como espaço férias / veraneio. Nesse litoral, destaca-se a diversidade das paisagens, das origens étnicas e das atividades profissionais tradicionais como a pesca. Queremos avançar nas seguintes aproximações ao tema a partir da idéia de região na relação material-ideal de Godelier, trabalhado na geografia por Di Méo e Buleón (2005) e Lussault (2007), e também na ideia de região como "arte-fato", como aposta Haesbaert (2010). Nesta primeira aproximação, nos parece que o Litoral Norte dispõe de um material artístico e poético rico, porém ainda pouquíssimo conhecido e investigado. Da mesma forma, acreditamos que as festas musicais e festivais de canção podem ser importantes pontos de partida para compreensão da circulação cultural e das representações geográficas sobre esta região.

REFERÊNCIAS

GUY, DIMEO; BULÉON, Pascal. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2005.

JOVCHELOVITCH Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *In: Psicologia & Sociedade*, vol. 16, 2004, p. 20-31.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Bertrand Brazil, 2010.

LUSSAULT, Michel. **L'Homme spatial**. La construction sociale de l'espace humain: La construction sociale de l'espace humain. Le Seuil, 2016.

MARTINS, Cláudio José. **Cantigas e Versos para o Litoral Norte**. Osório, Gráfica Solução, 2009.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

MOSCOVICI Serge. Das representações coletivas às representações sociais : elementos para uma história. In: D. Jodelet. **As representações sociais**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e ensaios de promessa**: um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil. 2009.

PICCHI, Bruno. Uma geografia do mangue: movimento manguebit, Josué de Castro e neoregionalismo. In: **II Encontro do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações**. Salvador, 2007.

ROMAGNAN Jean-Marie. **La musique**: un nouveau terrain pour les géographes, *Géographie et cultures*, n° 36, 2000, p. 107-126.

SILVA, Marina Raymundo da. **Osório, Ruas da cidade**. Porto Alegre: Editora Nova Prata. 2011.

TAFONA DA CANÇÃO NATIVA, 10° edição. Osório, 1998.

TRAMANDAÍ. Histórico. Disponível em: <http://www.tramandai.rs.gov.br/index.php?acao=conteudo&conteudos_id=11>. Acesso em 07/09/2018.

VALIENTE, Silvia. Narrativa folklórica y representación del territorio: La fuerza del lugar en la propuesta de Horacio Banegas. In: **Revista Universitaria de Geografía**, v. 16, n. 1, 2007, p. 79-98.

GLOSSÁRIO

Tafona ou Atafona trata-se do contexto de maquinaria antiga correspondente às casas de farinha nordestinas. Na Tafona se prepara a farinha de mandioca que passa por vários processos. Em Osório, junto ao Parque de Rodeios existe uma tafona, que como antigamente, funciona como tração animal. A mandioca retirada da terra é colocada em cestos de taquara. Na tafona é realizada a tiragem do "capote", isto é, retira-se ou raspa-se a mandioca até a metade, ficando limpa, evitando que o tubérculo fique embarrado. Na tafona existem engrenagens importantes: o cevador ou ralador, a prensa e o forno. A maioria das peças é feita de madeira.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Caconde e Palmital: Localidades pertencentes ao município de Osório/RS, cujas terras são quase que totalmente utilizadas para agricultura e pecuária.

Manjarra: Pau a que se prende o animal que faz andar a atafona.

Oilarai: Para o trabalho, os cantos de *Pichurum* ou *Peitada*, chamados também de *Olarai* ou *Oilarai*, são recordados por descendentes de lusos, no interior de alguns municípios do Rio Grande do Sul. Na morte, as *Excelências* homenageiam os falecidos, cantados pelos rezadores nas áreas rurais.

Pixurú: (Pichurum) Auxílio mútuo entre vizinhos por ocasião da derrubada de matas e outros grandes serviços nas roças. É termo usado na serra e colônias serranas.

Farinhada: Trata-se de uma herança da cultura indígena absorvida pelos portugueses no período colonial e mantida como expressão cultural dos pequenos agricultores até o presente, num processo de transformação da mandioca.

Jogo de capote: Competição realizada durante as farinhadas nos engenhos que consiste em raspar metade da mandioca e jogá-la para que o parceiro termine a operação. Normalmente o convite para jogar capote indica início de namoro.

Prensa: Para tirar a água venenosa (ácido cianídrico) da mandioca em uma das etapas da fabricação da farinha, o farinheiro usa o processo de prensagem, através de um engenho feito artesanalmente, todo de madeira-de-lei - urucurana ou caviúna. É a prensa, uma das peças que compõem a casa-de-farinha. A construção da prensa exige muitos cuidados e habilidade do artesão. Assim, a madeira só deve ser cortada na lua fraca - minguante - pois nesta época a terra puxa a água da madeira; na lua forte - cheia - ela contém muita água e broca, fendendo-se facilmente. Deve-se cortá-la também durante os meses frios, isto é, em maio, junho, julho e parte de agosto, período em que se costuma deixá-la secar, antes de se começar a fazer a prensa. A prensa é composta de duas vigas verticais laterais, que se encaixam, perpendicularmente, em dois suportes que se fixam no chão, e uma viga horizontal superior.

Masseira: Gamela grande de madeira de forma comprida, onde se põe a massa de mandioca ralada.

Carueira: Resíduos da mandioca ralada, que, por grossos, não passam na peneira esfareladora. É utilizada para a alimentação de animais, depois de secar ao sol.

Rabeca: Instrumento de corda de origem colonial de base açoriana, semelhante ao violino, largamente usado na região, principalmente nas festividades de reis.

Realização:

